Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533
Volume 26 | nº 1 | 2021
Artigo recebido em: 30/05/2021
Aprovado em: 21/06/2021

Daciene Oliveira
[Mestranda em Educação Ambiental - PPGEA-FURG , possui graduação em Ciências Biológicas Licenciatura pela Faculdade Anhanguera de Pelotas (2015) , Graduação em Arqueologia Bacharelado - FURG (em andamento)].
ORCID ID: http://orcid.org/0000-0003-1017-1092

Gianpaolo Adomilli
[Bacharel em Ciências Sociais (2001) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Mestre (2003) e Doutor (2007) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Docente da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI, curso de Bacharelado em Arqueologia. Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental - PPGEA - FURG, na linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental – FEA]
ORCID ID: http://orcid.org/0000-0001-8370-2267

Gustavo Ruiz Chiesa
[Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Sociologia e Antropologia e Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro].
ORCID ID: http://orcid.org/0000-0001-5030-4326

JEGUETÁ, PERCORRENDO CAMINHOS E REVELANDO SONHOS: OS MBYÁ-GUARANI E A EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO

Jeguetá, traveling paths and revealing dreams: Mbya Guarani and attention education

Resumo

Este artigo apresenta reflexões em torno da concepção das caminhadas, e dos sonhos Mbyá-Guarani e da educação da atenção proposta por Ingold, o Jeguetá para os Mbyá-Guarani faz parte das formas de construção de seu Nhade Rekó, ou seja, seus modos de viverem e se construírem como pessoa. A discussão proposta aborda as diferentes formas de compreensão dos saberes das comunidades indígenas Mbyá-Guarani, apontando para a construção dos seus territórios e as experiências de re-existências.

Palavras-chave: Caminhos; Jeguetá; sonhos; educação da atenção.

Abstract

This article presents reflections on the conception of walks, and Mbyá-Guarani dreams and the education of attention proposed by Ingolg, the Jeguetá for the Mbyá-Guarani is part of the forms of construction of their Nhade Rekó, that is, their ways of live and build themselves as a person. The proposed discussion addresses the different ways of understanding the knowledge of the Mbyá-Guarani indigenous communities, pointing to the construction of their territories and the experiences of re-existences.

Keywords: ways; jegueta; dreams; attention education.

Introdução

A caminhada é parte presente no cotidiano dos Mbyá-Guarani, sendo parte do seu modo de ser, desde sua cosmologia, sua territorialidade, suas relações sociais. O conhecimento Mbyá-Guarani se constitui na prática da vida e em suas vivências. Deste modo, pensando sobre a construção dos saberes Guarani, Ingold (2010), nos aponta a "educação da atenção" onde apresenta que a percepção é fundamental para a formação de uma forma de aprender que envolve as experiências vividas. Como nos ensinam os Mbyá-Guarani, a caminhada seria, entre outras coisas, uma forma de conhecer. Por sua vez este aspecto se aproxima das concepções de Ingold (2010) acerca do caminhar enquanto modo de perceber e interagir com o mundo, enquanto percurso interativo. Nesta linha que compreende a relação entre ambientes e aprendizagens, Ingold desenvolve o conceito de "educação da atenção".

Existe uma forte mobilidade dos Mbyá-Guarani entre as suas inúmeras aldeias. Eles estão sempre circulando pelo seu amplo território tradicional, e essa mobilidade proporciona uma frequente e renovada interação dos Mbyá-Guarani com seres da natureza e da sobrenatureza que povoam os seus diferentes ambientes cosmológicos. Esse contato com as alteridades é fundamental para a construção da pessoa Mbyá-Guarani, para desenvolver sabedoria e para durar nesta Terra (PISSOLATO, 2007).

Segundo Meliá (1986,1989), uma *tekoá* baseia-se no complexo casas-roças-matas, três espaços que se interligam e se completam. O cosmos Mbyá-Guarani é dividido em vários domínios. Existem caminhos e "atalhos" que interligam e permitem a transposição entre esses domínios, e cada ser, tem diferentes habilidades para percorrer esses caminhos. Os xamãs (*karaí*) conseguem identificar e percorrer alguns destes caminhos, com destaque para os domínios do sagrado. Até o final dos anos noventa e início dos anos dois mil muito se falava em Terra Sem Mal e que ela estaria localizada do outro lado do oceano (cf. LADEIRA, 1992,1994). Atualmente a etnologia do povo Mbyá-Guarani não trabalha mais com a ideia de "migração", usando em seu lugar "mobilidade". Além disso, a ideia de Terra Sem Mal tem sido fortemente desconstruída pelos Mbyá-Guarani, principalmente por aqueles que habitam o Rio Grande do Sul.

O presente texto tem como objetivo estabelecer algumas considerações a respeito do processo de caminhar entre os Mbyá-Guarani, apontando possíveis conexões entre esta prática e o conceito de Educação da Atenção elaborado por Ingold, de modo a contribuir para futuras reflexões sobre as formas de educar Mbyá-Guarani. Também apresento relatos sobre o caminho percorrido pelos Mbyá-Guarani na construção da Tekoa Y'yrembé na cidade de Rio Grande/RS.

Jeguetá: o caminhar Mbyá-Guarani e a Educação da Atenção

O caminho, para os Mbyá-Guarani, faz parte de suas cosmologias. Eles acreditam que no caminho é que as coisas acontecem. Para Ingold (2015), no processo de construção da pessoa o organismo e o ambiente são indivisíveis em sua totalidade. A percepção e o aprendizado é o resultado de uma "educação da atenção", que no decorrer da vida as habilidades e experiências são redescobertas e recriadas. Nessa teoria da percepção, o aprendizado, é formado através das experiências de cada pessoa no mundo. A constituição dos saberes para os quais as crianças desenvolvem suas habilidades, sejam elas mentais ou físicas, através das experiências vividas em suas comunidades e a transmissão dos conhecimentos entre os Guarani, ressoam nas concepções de Ingold.

O Jeguetá, é o termo utilizado pelos Guarani do subgrupo Mbyá tanto para o ato de andar como para a ideia de viagem e significa “deslocar-se” para além de um sentido meramente físico, por exemplo, uma viagem xamânica na qual o xamã através de seus saberes “caminha” entre formas e domínios (PRADELLA,2009). Ingold (2015), diz que há o perigo de ver seu próprio conhecimento ao invés das coisas em si. Caminhar oferece um modelo de educação alternativo que leva para fora, para o mundo.

Uma das formas de revelar os caminhos dos Mbyá-Guarani é através do mundo dos sonhos. Os sonhos são capazes de traduzir mensagens divinas onde podem ser mostrados os caminhos e ações que devem ser seguidos. Os sonhos podem guiar a novos acontecimentos. Diante das reflexões de Ingold, os sonhos aniquilam os limites entre a vida e o ser, possibilitando uma abertura para “o ser do outro”. “[...] nós sabemos que a ruptura [entre o real e o imaginário] é insustentável e, ainda assim, somos relutantes em reconhecer sua existência, já que, se fizéssemos isso, confrontaríamos a racionalidade científica aceita” (INGOLD, 2015,p.07).

Para os Guarani, existe uma grande valorização da educação tradicional. Mesmo existindo escolas nas aldeias, é através da educação tradicional que os Guarani, constroem o seu modo de ser e viver. As escolas nas aldeias são percebidas como uma forma de ampliar o poder de agenciamento com o mundo dos Juruá (brancos), para aprender o saber dos brancos, mas é na existência diária, na convivência com os parentes, que os Guarani se fortalecem e adquirem o saber verdadeiro (aquele vindo de Nhanderu) e o aprendizado do Nhandereko (modo de ser Guarani) com as demonstrações e ensinamentos através do roçado, da casa de reza, na forma de cuidar da natureza e também uns dos outros. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma “educação da atenção”. Para Ingold, o “mostrar” assume grande importância no processo de aprendizado. “Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. ” (INGOLD, 2010, p.16).

Para alguns autores, o caminhar Guarani está relacionado a uma série de aspectos, como a "busca por uma terra ideal e um ideal de terra" (MELIÀ, 1989; LADEIRA 2001); pelo atrito e intenção de distanciamento frente à presença das sociedades euro referentes e conflitos com relação a estas (LADEIRA, 1992; GARLET, 1997; MONTARDO, 2002); pelas memórias e profecias constituídas em torno das caminhadas (H. CLASTRES, 1978; MELLO, 2001); por um entendimento nativo de movimento intrinsecamente relacionado ao xamanismo em que se atualizam e são revisitados os mitos (CICCARONE, 2001); e/ou pelo caminhar que dá forma às metáforas das escolhas da vida e do cotidiano (MONTARDO, 2002 apud PRADELLA,2009).

Porém, um dos maiores desafios para os Guarani atualmente seria como lidar com as crescentes restrições à suas formas de habitar e circular por diversos espaços, uma situação que os impedem de caminhar como outrora. Hoje seus territórios, estão cada vez mais restritos e em muitas situações os Guarani são impedidos de caminhar, pois os espaços, os territórios estão sob a proteção de "cercas". Como reflete Pradella (2009), traduzindo as versões contadas pelos Guarani, "o mundo dos obstáculos criado pelos Juruá vai de encontro não somente com a visão de mundo guarani, mas impossibilita uma série de relações necessárias com o cosmos. Assim como seus deuses em outras eras, o destino dos homens encontra-se no caminhar. Seu tempo mítico traz referências constantes a essa necessidade de movimento". Para Ladeira (2008), é no mover-se, cuidando do território, que está a chave para compreendermos o modo de ser dos Guarani (LADEIRA, 2008). A mobilidade seria a base do sistema de reciprocidade, pondo em funcionamento a rede de sociabilidade e cumprindo a orientação religiosa de estender o seu modo de vida pela Terra, cuja realização depende da existência de um território adequado.

Para os Mbyá-Guarani no momento em que se caminha se produz a vida. Os pais dão conselhos e o caminhar dá a vida. A caminhada possibilita conhecer diferentes cheiros, diferentes lugares, para construir sabedoria, vivenciar o mundo, para depois contar o que aprendeu. Para eles não há um caminho certo, deve-se ir andando para descobrir as coisas, entendendo por onde devem ir. Desse jeito os Mbyá conhecem a natureza. Para Duarte, Sato e

Pazos (2018), o caminhante aprende a manter sua atenção no presente, proporcionando autopercepções sobre sua vida, suas condutas, suas competências e suas ações no mundo, podendo desta prática brotar novas intuições e criatividades. Desta forma, além de resistência e rompimento com a sociedade da pressa e do progresso, o caminhar contribui para o desafio de criação de novas possibilidades sociais (DUARTE, SATO, PAZOS, 2018).

Ao comparar os modos de caminhar do dédalo e do labirinto, Ingold (2015) sugere que a educação que segue a linha do labirinto não oferece pontos de partida ou posições, mas constantemente os remove de quaisquer posições que eles possam adotar. É uma prática de exposição. O tipo de atenção exigida por essa prática de se submeter (se expor) às coisas, e estar presente no seu aparecimento. “Aparecer as coisas” equivale à sua imaginação, no plano da vida imanente (INGOLD,2015). Assim, tendo por “educação da atenção” aquilo na qual a percepção acontece em acordo com o ambiente, como uma atividade de um organismo inserido em uma paisagem, não apenas como um processo de reprodução mental, mas sim como um envolvimento das percepções. O conhecimento não é meramente transmitido, mas há um esforço em criar situações que o despertem.

O caminhar para os Guarani motiva-se antes de tudo por uma apreciação pessoal da paisagem, das relações com diferentes alteridades, sensações, pressentimentos, sonhos e sentimentos. Deste modo, a existência de alteridades, humanas ou não humanas, servem de referência na paisagem, sendo percebidas e interpretadas em sua caminhada. Como questiona Ingold (2010), este processo significa literalmente, convidar o aprendiz para dar uma volta lá fora. Que tipo de educação é essa, que se dá durante o caminhar? E o que faz da caminhada uma prática tão eficaz para a educação, concebida nesse segundo sentido? Assim, Ingold explica que há muitas maneiras de caminhar, e nem todas nos levam para fora. Uma das que não leva, e que talvez evoque memórias de infância, é a fila do “crocodilo”.

A atenção da criança é capturada ou, na visão do adulto que a acompanha, distraída por qualquer coisinha. Para a criança a caminho da

escola, a rua é um labirinto (INGOLD, 2015). No caminhar pelo labirinto, por outro lado, escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir. Como o caçador que persegue um animal ou um andarilho numa trilha, é importante manter os olhos abertos para sinais sutis, pegadas, pilhas de pedras, entalhes nos troncos das árvores que indiquem o caminho adiante. (INGOLD, 2015).

Masschelein (2008) afirma que caminhar é a atividade física de deslocar o olhar, de deixar uma posição ao longo de uma linha arbitrária que, ao ser percorrida , abre caminho para novos olhares sem, no entanto, nos levar a lugares anteriormente delimitados. No entanto, existem formas diferentes de caminhar pelo mundo. Estas formas de caminhar pelo mundo podem marcar um tipo de "éthos" pessoal a cada ser que caminha. Assim como lembra Lapoujade (2017), não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em um determinado plano. Deste modo, o andar interessa no sentido em que revela certa pedagogia de exposição (Masschelein, 2008), que se constrói como uma prática de educação enquanto possibilidade de um modo de ser. Neste sentido, o ato de caminhar se torna um percurso educacional, uma forma de sair se si, de se expor ao mundo e de fazê-lo presente.

Fazer o mundo presente representa a chance de se corresponder com ele, o que implica estar atento ao caminho e deixar-se conduzir por um mundo que se abre na medida em que o percorremos. O que significa que caminhar constitui-se em uma maneira de explorar e relacionar-se com o presente no sentido de que aciona uma prática educativa em que a ênfase é depositada sobre a atenção. É desta forma que o mundo se apresenta a nos comandar. Não exatamente como exercício do poder de imposição de leis ou princípios que deveríamos reconhecer, mas como manifestação de uma força que nos move e abre o caminho. Então, para Ingold, entre navegar no dédalo e vagar no labirinto está toda a diferença entre os dois sentidos de educação.

Por um lado, a indução (trazer para dentro) do aprendiz às regras e representações, ou aos "mundos intencionais" de uma cultura; por outro, a ex-dução (levar para fora) do aprendiz no próprio mundo, conforme ele se lhe

apresenta através da experiência. Ingold continua o argumento sugerindo que longe de assumir um ponto de vista ou perspectiva a partir dessa ou daquela posição, o ato de caminhar continuamente nos remove longe de qualquer ponto de vista – de qualquer posição que possamos adotar. A atenção do caminhante vem não da chegada a uma posição, mas de ser constantemente apartado dela, do próprio deslocamento (INGOLD, 2015). Trata-se de um modo de ser em que o caminhar (a mobilidade) atua como meio ou estímulo do processo de autoconstrução pessoal. Sob esta perspectiva, caminhar representa a oportunidade de nos expormos ao mundo que se abre conforme o percorremos.

Para os Mbyá-Guarani, tornar a vida durável é percorrer um mundo não edificado, em formação constante, no intuito de chegar ao destino que lhes foi prometido: a Terra sem Mal. Se, por um lado, o "teko" assume a forma de um conjunto de saberes e práticas tradicionais aos Guarani, ditado pelos deuses e transmitido pelos mais velhos, por outro lado expressa-se como busca constante por melhores condições de vida na história de cada pessoa. Cada pessoa tem o seu jeito, seu costume, e o realiza de forma singular. Assim, Pissolato (2007) diz que para a multiplicidade de caminhos ou possibilidades encontra-se essa "tendência a mudar constantemente a própria condição de vida" (PISSOLATO, 2007).

Contudo, o Mbyá Reko, o jeito de ser, que representa a porta de acesso a imortalidade não é exatamente um ponto a ser alcançado, mas um modo de andar que faz de todo ponto de chegada um ponto de partida. Percorrer este mundo em formação significa buscar constantemente uma situação mais favorável à vida, uma situação que permita que se viva de acordo com o jeito Nhandereko, o que torna o movimento um fim em si mesmo (CARREIRA, 2018). Pois como bem sabem os Mbyá é andando que se anda, que o ser se afirma enquanto ser. Porque caminhar constitui-se num ato pedagógico de exposição (ex-posição) ou de estar fora de posição, tal como Ingold (2015) o define como prática de educação enquanto possibilidade de suspensão de qualquer posição. E por isso ele sublinha que educação não tem nada a ver

com objetivos tais como “distância crítica” ou “assumir perspectivas” sobre as coisas.

Segundo Gibson (1979), quanto mais experientes nos tornamos em andar por esses caminhos de observação, mais capazes nos tornamos para notar e responder fluentemente aos aspectos salientes do nosso ambiente. Ou seja, nos submetemos a uma “educação da atenção”. Como aponta Ingold (2010), a atenção acompanha um mundo que não está pronto, que é sempre incipiente, que se encontra no limiar da emergência contínua. Assim, andar pelo labirinto é como caminhar sobre teias de aranha, onde o próprio chão é um véu. Como a aranha, nos seguramos nela. O andarilho no labirinto, que se submete ao mundo e responde aos seus acenos, seguindo por onde outros já estiveram, pode seguir adiante, sem começo ou fim, abrindo caminho no fluxo das coisas. O preço dessa presença é a vulnerabilidade, mas a recompensa é uma compreensão, fundada na experiência imediata, daquilo que está além do conhecimento, (INGOLD, 2010).

Experiências vividas: Trajetórias e caminhos percorridos

Será apresentado neste tópico um pouco sobre a trajetória e caminhos percorridos pelos indígenas Mbyá-Guarani na cidade de Rio Grande/RS, em especial sobre os indígenas da aldeia Y’yrembé, que significa Beira-Mar, liderada por Cacique Eduardo Ortiz, onde serão descritas algumas passagens da trajetória e experiências vividas junto aos Mbyá-Guarani.

Cacique Eduardo Ortiz e sua família, filhos, sogro, sogra, cunhados e sobrinhos, vieram para Rio Grande, para o Balneário Cassino em novembro de 2016, com a intenção de curar Jessica, a filha caçula do cacique, que sofria de problemas respiratórios. Seu sogro, Karai Theofilo Santos Cruz, através de Nhanderu, sonhou que deveriam ir para a beira do mar, para buscar a cura para a menina. Além do sinal de que deveriam ir para o litoral, dado pelo Karai, a região ainda é próspera, sendo uma boa alternativa para a venda de artesanato, que é a fonte principal de renda dos Mbyá-Guarani, pois a cidade

tem uma praia muito movimentada em temporada de verão que atrai o turismo regional do Estado do Rio Grande do Sul.

Os sonhos, muitas vezes concebidos como “mensagens” recebidas das divindades, repercutem em diferentes escalas da vida Guarani. O sonho, tal como a viagem de visitação, muitas vezes consiste em um encontro onírico com antepassados mortos em que as divindades mostram o território onde uma aldeia deverá ser fundada. Dessa forma, os sonhos podem resultar na produção de “alegria” (-vy’a) daquele(s) que parte(m), que buscam estabelecer novas relações em um território propício ao seu “fortalecimento” (-mbaraete) (SALUSTIANO, 2020).

O sonho é um fenômeno que se conecta a diversos aspectos inter-relacionados da vida Guarani, como concepção, nomeação, parentesco, canto, curas xamânicas, aconselhamentos cotidianos, deslocamentos territoriais. Segundo Pissolato (2007), os movimentos de pessoas por diversas aldeias explicam-se principalmente pela busca e produção de “alegria”, de “contentamento” (- vy’a). Entre os muitos aspectos ligados, pode-se apontar a centralidade que a experiência pessoal, o “ver” por si próprio tem para os Guarani, esta não é uma questão teórica, e sim uma questão de pôr em prática, sentir, “ver” por si mesmo.

Hugo Salustiano (2020), diz que além de experiência vivida pela própria pessoa, o sonho é frequentemente explicado como experiência vivida junto aos Nhanderu. Eles são concebidos, frequentemente, como mensagens das divindades ou como “revelações”, quando se vê em sonho um lugar que nunca se visitou antes (ou até mesmo lugares que já se visitou), significa que seu nhe’ë deslocou-se até lá. Neste sentido os sonhos além de serem representados como mensagem, também frequentemente são associados à imagem do caminho percorrido pela pessoa. A condição do sonho impulsiona os Guarani a procurar sempre novos lugares para viver melhor, busca a qual, para ser bem orientada, conta com os saberes ensinados pelos antigos ou que se adquirem na própria experiência, sempre em comunicação com os Nhanderu (SALUSTIANO, 2020). Assim, ao sonhar, os Guarani continuam a se fortalecer e a continuamente renovar seus modos de vida.

Relatado por cacique Eduardo, na temporada de 2017, os indígenas conseguiram fazer boas vendas e Jessica melhorou de saúde, com isso decidiram se estabelecer na cidade, para dar continuidade ao tratamento de Jessica e talvez ficar por um tempo. Nesta mesma temporada conheceram a assistente social da prefeitura da cidade, quando vendiam artesanatos na avenida central do Balneário Cassino. Neste período os indígenas ficaram acampados no Camping Municipal, no período de final de novembro de 2016 até o final da temporada de 2017, momento em que foram fortalecidos os laços de amizade com os Juruá (não-indígenas), especialmente com essa assistente social .

A oratória calma, pausada e inspirada pelas divindades dos Mbyá-Guarani constitui um modelo ideal de expressão, através do qual se tem a intenção de tocar o coração do Juruá, no intuito de sensibilizar o Juruá, e também de não gerar o conflito direto para o alcance de seus desejos. Os aliados Juruá são mediadores, que por vezes se tornam próximos aos Mbyá-Guarani.

Os afetos narrados e a oratória que afeta são uma ação, e se espera que os Juruá aliados tenham uma "fala forte", a favor dos interesses Mbyá. Prates (2019), aponta que podemos vislumbrar a existência de duas camadas de interlocução: uma realizada por "mburuvichá", que tem por função gerir e expressar os desejos de seu coletivo, e outra que estabelece uma representatividade desenraizada, próxima a ONG's e flutuante em nível de uma política indigenista.

Entre os Mbyá é percebido que as relações externas se dão através de uma oratória pacificadora, com o objetivo de neutralizar o outro, no caso os Juruá, mas sem se submeter a patrões ou a lógicas de delimitações territoriais que não são condizentes com seus preceitos de existência terrena. Neste caso, se a relação com os Juruá é inevitável, assume-se o risco de capturar o que é do interesse do coletivo sem com isso se submeter à sua maneira de viver. As falas pacificadoras, geralmente enunciadoras de estados afetivos, possibilitam esse driblar dos conflitos que trazem em si uma ação produtiva de estratégias para encarar a relação assimétrica imposta pelos Juruá (PRATES, 2019).

Com o final da temporada, e o fechamento do Camping Municipal, os indígenas precisaram urgentemente de um lugar para morar e conseguiram alugar uma pequena casa na rua Henrique Pancada, em Rio Grande, próximo ao centro da cidade, e a beira da Laguna dos Patos. Porém este é um local bastante violento e os indígenas se sentiam desconfortáveis. As vendas de artesanatos com o fim da temporada haviam diminuído e o aluguel desta casa era no valor de 500 reais, deixando os Mbyá-Guarani em uma situação de vulnerabilidade. A assistente social, contando com o apoio de uma psicóloga da Prefeitura e do Secretário Municipal de Cultura, entrou em contato com um indigenista local, pois sabiam que ele estava envolvido com causas indígenas através de uma ONG. Para ajudar os Guarani, este indigenista passou a informação de que em breve a Estação de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO), localizada em Domingos Petroline, área rural do município, que compreende uma área de 180 hectares com mata nativa razoavelmente preservada, banhado, matas de eucaliptos, área para plantações, algumas casas e instalações depredadas, e abandonadas. A localidade se encontra ente o Povo Novo e a Vila da Quinta na Vila Domingos Petroline, uma região rural a cerca de 20km da cidade de Rio Grande, na qual a FEPAGRO seria extinta.

Desde 2015 indígenas de outras regiões estavam se articulando com a Prefeitura para quando isto acontecesse eles pudessem ocupar o local. Ele sugeriu, que Eduardo também poderia participar da ocupação.

Cacique Eduardo com a sua esposa que na época estava grávida, e seus filhos (Michele, Beatriz e Jessica) ainda foram procurar uma aldeia no Taim, região de reserva ambiental que faz fronteira entre a cidade de Rio Grande e o Uruguai, mas não gostaram do lugar, precisavam ficar mais perto da cidade, e decidiram então procurar algum lugar que lhes proporcionasse uma melhor condição na cidade.

Ao saber que a FEPAGRO em Domingos Petroline estava abandonada, Eduardo entrou em contato com a Prefeitura e fez um cadastro junto a Secretaria de Assistência Social, dois meses depois houve uma reunião

(marcada pela assistente social da Prefeitura) estavam presentes na reunião o prefeito Alexandre Lindemayer, o Indigenista da ONG, a Assistente Social, e a Cacique Guarani Talcira Gomes, liderança de uma aldeia na Estiva/RS. Nesta reunião, segundo palavras do Cacique Eduardo, o prefeito Alexandre, disse que a FEPAGRO seria do povo que ocupasse primeiro. Após a reunião, Talcira e Eduardo conversaram, acharam boa a área, contudo Eduardo ainda iria pensar, ver outras possibilidades, mas ele tinha pressa pois o contrato da casa onde estavam já estava chegando ao fim.

Além de percursos de mobilidade, há outros sentidos que são atribuídos à ideia de caminhos, e às práticas de mobilidade. As pessoas se põem em movimento para fazer visitas, realizar rituais, prestar ou receber auxílio e procurar novas alianças, além disso, a ideia de caminhos também serve de "imagem-guia". Nessa direção, seguindo os caminhos de circulação de saberes dos Guarani Mbyá, é possível observar que eles continuamente mobilizam práticas que permitem reter e direcionar os fluxos de circulação. É possível citar como exemplo disso os modos como os rezadores administram o fluxo dos saberes e poderes que eles acessam e acumulam, evitando que esses saberes se difundam por interlocutores e contextos onde poderão ser desviados ou se perder. O mesmo se dá nos cuidados relativos ao -nhe' (princípio vital) de um recém-nascido, quando seus pais tomam uma série de medidas para evitar que este –nhe' se desprenda definitivamente do corpo do bebê e se perca em algum caminho percorrido pelos pais (TESTA, 2018).

Antes de Eduardo e sua família irem para a FEPAGRO, estiveram na Vila da Quinta, uma vila de região rural da cidade, próximo a Domingos Petroline, em uma escola abandonada, indicada pela Assistente Social, eles passaram um dia neste local, acharam muito sujo, abandonado, longe e hostil, não gostaram, no outro dia foram embora. Assim, no dia seguinte, a viatura da prefeitura foi buscar Eduardo e sua família para mostrar a FEPAGRO, chegando lá fizeram uma roda de conversa, Karai Teófilo fumou Petyngua, andou pelo local, gostou muito. O local também proporcionava fácil acesso a cidade, e ao balneário, com mata, banhado, com muitos Pindó (Palmeira). Eles disseram que gostaram bastante do lugar, decidiram aceitar a área e começaram a se preparar para a mudança.

Como vimos, os Mbyá-Guarani buscam por lugares onde lhes é possível estabelecer uma relação harmoniosa com o território e com o lugar escolhido, sendo possível desenvolver o seu modo de vida, e também sentirem-se bem com seus corpos e os espíritos. Para Pissolato (2007), "mover-se na Terra relaciona-se à compreensão sobre seus ritmos cíclicos, à necessidade de pôr em funcionamento a rede de sociabilidade Mbyá e ao cumprimento de uma orientação religiosa", com isto, o *teko* age como algo que, ao mesmo tempo, fundamenta e direciona a busca Guarani por novos territórios, nos quais o dito "modo de ser" possa atualizar-se. De acordo com a autora, há uma estreita ligação entre o modo de ser próprio dos Guarani e o território no qual ele vai escolher para as suas práticas.

Os Mbyá-Guarani tem como essencial para a sua reprodução cultural os seus cantos religiosos, as danças, o artesanato, a pintura corporal, assim, as culturas Guarani se estruturam em suas práticas que as designam e junto com a língua formam *ore reko* (costume exclusivo). Pereira (2010) aponta que os valores religiosos, estéticos e de mercado convergem para a elaboração de uma fronteira entre o ser guarani e o não sê-lo. Assim, numa espécie de inversão do esquema ocidental de aprendizado, ensinamento – aprendizado – conhecimento, é através do fortalecimento espiritual e as práticas que ele envolve (rezar, dançar, fumar o cachimbo) que trazem o conhecimento (PEREIRA, 2010).

Eduardo conta que com a chegada dos indígenas na vila de Domingos Petroline, a Brigada Militar foi acionada, compareceram ao local confirmando a ocupação. As coisas na ocupação estavam difíceis. Faltava comida, pois a renda vinha de apresentações do coral infantil, e da venda de artesanatos no centro da cidade e do que conseguiam com doações. A prefeitura deixou apenas uma sacola de alimentos para Eduardo um mês após a ocupação. Juntamente com Eduardo, cacique Talcira e sua família composta por filhos, noras, e netos, junto com outros parentes indígenas vindos de diferentes aldeias do Rio Grande do Sul, também ocuparam o local. O processo de ocupação ocorreu de forma pacifica, pois além do auxílio da prefeitura da cidade, os indígenas estavam em comum acordo para a ocupação.

Aldeia - FEPAGRO em Domingos Petroline



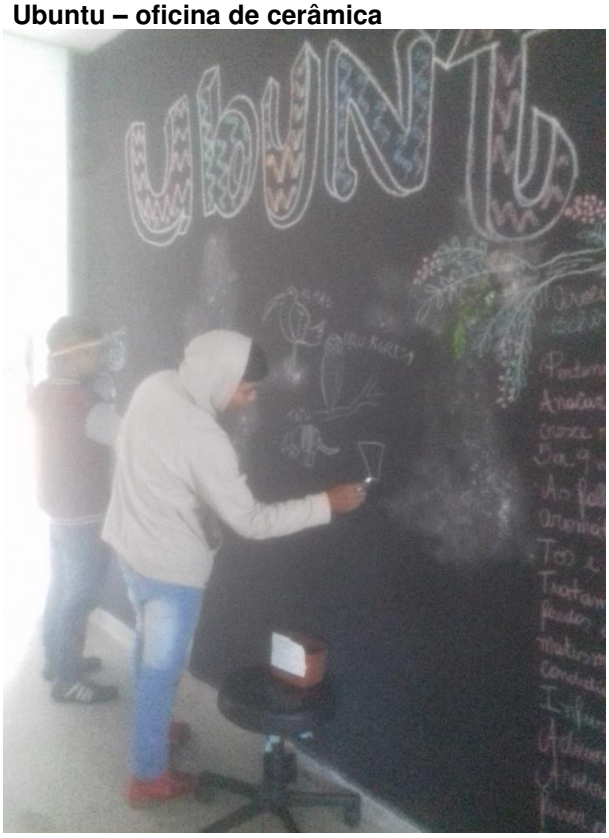


Fonte: Daciene Oliveira

Em agosto ocorreu o meu primeiro contato com os indígenas na aldeia, através de uma excursão do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Os alunos levaram doações como comida e cobertores e compraram o artesanato. Foi a primeira visita feita por não-indígenas em grupo na aldeia.

Em setembro houve um evento na FURG, chamado Ubuntu. Os indígenas foram convidados para promover uma oficina de cerâmica tradicional. Após a realização desta oficina, Eduardo teve um sonho que revelou que deveriam começar a produzir cerâmicas de forma tradicional. Sua esposa Diana sabia fazer cerâmica, pois aprendeu no Paraguai com parentes. A partir deste momento eles começaram a fazer cerâmicas e resgatar as técnicas tradicionais.

Ubuntu – oficina de cerâmica



Fonte: Daciene Oliveira

Em algumas visitas da primeira autora, os indígenas estavam traduzindo cerâmica, é uma prática que desenvolvem em grupo, junto com as crianças, todos mexem no barro, e fazem diferentes artes com o barro, o que eles mais produzem são cuias de chimarrão, mas também fazem muitos potes de diversos tamanhos, vasos e petyngua, mas para eles o mais divertido são as cuias. Neste dia em que estavam produzindo cerâmica, Diana, a esposa de Eduardo, convidou a primeira autora para fazer cerâmica também. Ela ensinou como sovar a massa do barro, e dar forma no barro para fazer o que quisesse. A primeira tentativa foi fazer uma cuia, pois Diana também estava produzindo cuias, é um trabalho muito minucioso, que exige um grande delicadeza, concentração e técnica para dar forma, passou-se uma tarde inteira com eles mexendo no barro e tentando produzir algo, mas muitas de das tentativas não se concretizaram, pois o barro à medida que vai tomando forma, também tende a quebrar, ou perfurar. Foi então que Diana falou, tem que se concentrar, pensar no barro e na forma que se quer criar, ficar calma e não pensar em outras coisas, ela disse “você tem que pensar só no barro”. Esta não foi uma

dica técnica, e ela nem ensinou como fazer, mas mostrou como é possível se conectar consigo mesmo e com os agentes da natureza, como o barro naquele momento, esta experiência mostrou como encontrar um caminho para conseguir o que se busca, foi então que se conseguiu, meio que desajeitada e pouco formosa, mas ensinou que estar em conexão e desfrutar de momentos íntimos é um dos caminhos que os Mbyá utilizam para as suas práticas.

Cuia em Cerâmica



Fonte: Daciene Oliveira

A casa de reza a Opy é muito importante para o povo Mbyá-Guarani pois lá dentro através de Nhanderu ficam sabendo do futuro e curam doenças. Na aldeia a construção da Opy ocorreu após a morte do pai de Eduardo que vivia no Paraguai. Eduardo contou que na noite do comunicado da morte de seu pai, seu Teófilo tocou gaita de boca e fumou seu Petyngua, e então foi decidido que era necessário a construção da Opy para proteger espiritualmente todos da aldeia. No dia seguinte, Ariel, filho de seu Teófilo, comunicou que haviam escolhido o nome da aldeia que foi revelado através de um sonho de seu Teófilo, e que seria Tekoa Y'yrembé que significa Beira-Mar.

Após alguns conflitos entre os grupos que estavam ocupando a FEPAGRO e, que se dividiam em duas lideranças, a da cacique Talcira e a do cacique Eduardo, o grupo dos Y'yrembé foram embora da FEPAGRO, sendo levados pela Funai para Ponte de Pedro Osório, cidade que fica a cerca de 120 km de Rio Grande.

Em Pedro Osório, ficaram com pouco alimento, pois o acesso a cidade era distante e não conseguiam ir vender artesanatos diariamente, também não tinham água potável, e a do Rio Piratini era muito suja. A nascente que havia ali perto também era usada para rituais religiosos e para o gado e outros animais, tendo um gosto forte de terra, mas era a única que tinha para beber. Eduardo contou que o lugar tinha mel, caça e pesca, mas não dava para plantar. Também havia duas crianças bebês entre eles, Luana e Luan Henrique, recém-nascidos. O inverno estava muito frio, o acampamento improvisado estava um caos. O local não tinha nenhuma estrutura, e como era inverno estava ocorrendo muitos temporais, então ficou muito perigoso para os indígenas ficarem à beira do rio Pedro Osório. Foi então que Izanara e Luiz Henrique, amigos Juruá que fizeram em Domingos Petroline, os trouxeram de volta para Domingos Petroline e os acomodou em um galpão de sua fazenda, pois Izanara era proprietária de uma fazenda arrendada, chamada Invernada Campeira. Assim, os Y'yrembé passaram a viver junto à fazenda Invernada Campeira em Domingos Petroline, em junho de 2018.

Inicialmente, os indígenas ficaram acomodados no galpão de trator, nos meses seguintes eles foram construindo algumas casas tradicionais, pois foi cedido um espaço ao lado da casa da fazendeira. Cecílio, irmão de seu Teófilo, foi o primeiro a construir a sua casa feita de telhado de taquara batida. Logo após, seu Teófilo fez a segunda casa, feita de taquara e barro e telhado de capim Santa Fé, depois foi feita a cozinha e a casa de Paulo e Miguel, filhos de seu Teófilo e dona Augustina, e por último foi a casa do Cacique Eduardo. As casas tradicionais foram feitas de madeira, e uma de barro, e com cobertura de palha de palmeira e capim santa fé. No total levaram aproximadamente três meses para construir as casas tradicionais, juntamente neste espaço eles

construíram plantações e também alguns pés de árvores frutíferas e de erva-mate.

As diferenças culturais entre os indígenas e os Juruá, deixou Izanara preocupada com a forma como os indígenas lidam com a alimentação. Izanara é uma mulher acostumada na lida do campo e com uma bagagem cultural baseada no trabalho, e no racionamento. Ela começou a questionar os indígenas sobre o racionamento da comida visto que o pouco que conseguiam arrecadar era consumido em poucos dias, o que para os Juruá o estoque deveria durar um mês, o indígena consome em menos de uma semana, pois eles têm como hábito cultural não racionar ou guardar alimentos, e sim consumir o que puder enquanto tiver, por este motivo, os indígenas necessitam de um grande volume de alimentos. Suas práticas de captação alimentar são diárias Este é um marcador cultural dos Mbyá-Guarani, que se apresenta pela necessidade de viver em um lugar abundante de caça e pesca, e com espaço para plantio. Tudo que se caça, pesca e colhe é consumido diariamente.

Porém, a necessidade de alimentos se torna constante, pois o acesso a caça e pesca estão escassos, e o plantio nem sempre produz o necessário para a alimentação dos Mbyá-Guarani, sendo preciso captar alimentos de outras formas, como a busca por doações, que apesar de não suprir todas as necessidades alimentares, é uma alternativa para a obtenção de alimentos. Para a captação de doações os Mbyá-Guarani utilizam diferentes formas de contato com os Juruá. A principal forma é a apresentação cultural, que possibilita a troca de saberes entre os indígenas e os não-indígenas através das vivências. Os espaços urbanos são explorados para passeios, e para a comercialização de artesanatos com exposições livres próximas ao comércio local das cidades, também para compra de mercadorias que serão levadas para serem consumidas nas aldeias.

Na aldeia Y'yrembé, junto a fazenda, os indígenas circulavam livremente por todo o espaço que é cercado por lagos, banhados, vegetação nativa, e mata fechada. Na aldeia viviam 4 famílias, sendo um total de aproximadamente 30 pessoas, mas este número não é exato, pois os indígenas por motivos

cosmológicos possuem mobilidade, assim quando necessário eles partem para outros lugares em busca de viver uma boa vida.

Tekoa Y'yrembé(Domingos Petroline)



Fonte: Daciene Oliveira

Tekoa Y'yrembé



Fonte: Daciene Oliveira

A interação com os donos da fazenda foi constante e diária. Eles dividiam o mesmo local, e alguns afazeres, como trabalho em roças, plantações e com os animais da fazenda. O ambiente é próprio para a plantação e lhes foi cedido um espaço de terra exclusiva para as plantações

tradicionais (coivara), alguns animais são criados juntamente à aldeia, como galinhas, patos, gansos e cachorros. Há também plantações de pequenas hortas no ambiente destinado à aldeia. Apesar da proximidade da aldeia com as áreas da fazenda, o ambiente onde está assentada a aldeia difere significativamente dos demais. A área da aldeia tem um cheiro forte de fumaça, os animais vivem soltos, não cercados com galinheiros, não há um ambiente separado para os animais. Animais e pessoas vivem juntos, compartilhando o mesmo espaço.

Também na aldeia os indígenas construíram espaços destinados para visitações, um deles é uma pequena trilha, onde são feitos passeios com os não-indígenas. O objetivo deste trabalho, segundo o cacique da aldeia Eduardo Ortiz, é de arrecadar alimento, brinquedos, roupas, e gerar renda através da venda de artesanatos, e também buscar a interação com os não-indígenas em busca da valorização cultural. Outra forma de buscar esta valorização cultural e interação com os não indígenas é a visitação em escolas da região, onde os indígenas dedicam-se em realizar atividades e conversas com os estudantes.

Os Y'yrembé ficaram por aproximadamente dois anos junto a fazenda Invernada Campeira. Porém em maio de 2020 o marido de Izanara faleceu, e como a fazenda era arrendada em seu nome, os proprietários começaram a exigir a retirada dos indígenas do local, e novamente eles ficariam sem lugar para onde ir. Foi então articulado novamente com a prefeitura um novo local para abrigar os Y'yrembé, e em julho de 2020, foi-lhes cedido pela Prefeitura do Município de Rio Grande, um espaço localizado próximo à margem da estrada Rio Grande – Cassino, espaço onde estão situadas as instalações do Camping Municipal do Cassino. Neste novo lugar ainda não foram construídas novas casas tradicionais, e roçados para plantação, apenas uma pequena horta, mas foi revitalizado pela Prefeitura uma casa abandonada no local, para a moradia dos indígenas. Este novo lugar conta com espaço de 16.500m² (dezesseis mil e quinhentos metros quadrados), cedido e regulamentado pela Prefeitura do Município de Rio Grande e o Ministério Público Federal.

Tekoa Y'yrembé (localizada no Cassino). Casa (antes)



Fonte: Daciene Oliveira

Revitalização da casa (depois)



Fonte: Daciene Oliveira

A mobilidade e as caminhadas dos Mbyá-Guarani são constantes, considerando suas construções cosmológicas e conflitos. A caminhada é como uma prática plena de potencialidades para os Mbyá, A partir do caminhar pensa-se a condição humana, constrói-se um corpo e um grupo, obtém-se aquilo que é necessário para viver e reproduzir-se, expande-se os limites e as possibilidades de interação com o seres no mundo, Assim, “não é absorvendo representações mentais ou elaborando esquemas conceituais que nós aprendemos, mas sim desenvolvendo uma sintonia fina e uma sensibilização de todo o sistema perceptivo (STEIL e CARVALHO, 2012)

As práticas das caminhadas trazem para o centro da experiência das participantes questões relativas a um outro modo de viver. Assim, vejo que a "Mbyá Jeguetá – Caminhada Guarani" proporciona, um contexto favorável ao aprendizado, à incorporação de saberes, que permite vislumbrar a maneira como os Mbyá-Guarani percebem a si e o seu entorno. Esta maneira é aqui compreendida através do conceito de habitação (INGOLD, 2015) no qual habitar o mundo é pôr-se em movimento. Os sujeitos, ao colocarem-se em movimento, produzem não a sociedade ou a cultura, mas o processo em curso da vida social (INGOLD, 2015, 31). Assim, a tradição dos Mbyá está no próprio movimento de busca por melhores condições de fazer a vida durar e não em uma fórmula definida pelos mais velhos (PISSOLATO, 2007).

Considerações

Como visto, pode-se afirmar que existe um *ethos* caminhante na raiz do modo de ser que orientaria os Mbyá a caminhar e reproduzir, cada um à sua maneira, um modo de vida tido como “verdadeiro”, buscando o aperfeiçoamento pessoal ao mesmo tempo que garantindo as condições de reprodução da sociedade. O “Mbyá Jeguetá”, evidencia a estreita relação dos Mbyá-Guarani com os seus outros na fabricação de pessoas e na construção do seu coletivo.

O aprendizado, a educação da atenção, equivale assim a este processo de afinação do sistema perceptivo, os seres humanos emergem como um

centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente. Como para Ingold,(2010), o conhecer não reside nas relações entre estruturas no mundo e estruturas na mente, mas é imanente à vida e consciência do conhecedor, pois desabrocha dentro do campo de prática estabelecido através de sua presença enquanto ser no mundo. Abordar algumas noções sobre "o estar no mundo Guarani" dialogando com elementos da teoria de Tim Ingold, acerca do engajamento, da educação da atenção, possibilita a compreensão de novas formas de andar no mundo. Sendo que aqui 'ir andando' significa encontrar seu próprio caminho pelo terreno de sua experiência.

A ideia de abertura em Ingold repercute no modo de ser Guarani, cuja vida é uma incessante tentativa de "sentir-se bem no mundo", uma procura constante por um ambiente que o faça sentir-se engajado. Entender como os Guarani se constituem enquanto pessoas, perpassa pelas formas de aprender a ser Guarani, ou seja, pela transmissão dos saberes e conhecimentos que se alia ao que Ingold denomina "educação da atenção". Portanto o caminhar não está em seguir um caminho certo ou errado, bom ou ruim, está em construir um caminho que revele a transformação e a descoberta de si.

Referências

CARREIRA, Fernando**. Caminhar e corresponder ao mundo: notas sobre a experiência Guarani em terra de branco.** RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. 04, edição especial, nov., 2018.

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim. **O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a luz: Território mbya à beira do oceano**. 1992. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Pontifícia Universidade Católica - PUC. Edição de Publicação. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

MÉLIA, Bartomeu**. Educação indígena na escola**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guarani conquistado y reducido**. Assunção: Universidade Católica, 1986.

PISSOLATO, Elizabeth. **Trabalho, subsistência e dinheiro: modos criativos na economia mbya (guarani) contemporânea**. Horizontes Antropológicos, v. 22, p. 105-125, 2016.

PISSOLATO, Elizabeth. **A duração da pessoa**: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: UNESP/ISA; Rio de Janeiro:NuTI, 2007.

PRADELLA**,** Luiz Gustavo: **Jeguatá o caminhar entre os Guarani.** Espaço Ameríndio, porto alegre, v. 3, n. 2, p. 99-120, jul./dez. 2009. Prates, Maria Paula. **Da instabilidade e dos afetos mbyá: pacificando relações, amansando outros** - Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2019. Recurso on-line 242 p.

PRATES, Maria Paula. **Da instabilidade e dos afetos mbyá: pacificando relações, amansando outros** - Porto Alegre: Editora da UFCSPA, 2019. Recurso on-line 242 p.

PEREIRA, Vicente Cretton**. Mbya *reko* e elementos urbanos: encontros dos Guarani Mbya com a cidade em contextos distintos de ocupação no Estado do Rio de Janeiro.** INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, Número Especial 01, pp.85-102, 2010.

SALUSTIANO, Hugo. **Os sonhos entre os Guarani e algumas de suas articulações com parentesco, deslocamentos territoriais e configurações sociais multilocais.** Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

TESTA, Adriana Queiroz. **Caminhos de saberes Guarani Mbya : modos de criar, crescer e comunicar**. São Paulo : FFLCH/USP, 2018.